



VOZES da
AGRICULTURA
ecológica

Capítulo 18

GABRIEL
SHERNER ZANOTTO

Laércio Meirelles

dezembro, 2017



Gabriel

Sherner Zanotto



dezembro, 2017

Começo a conversar com Gabriel Sherner Zanotto, 21 anos, e não posso deixar de pensar que seu visual está mais para um vocalista de banda de rock que para um agricultor familiar. Jovem, alto, cabelos fartos e cacheados. Bobagem minha, mas trazemos algumas associações de imagens e elas surgem mesmo sem serem convidadas.

Gabriel é jovem e esbanja juventude. Mora na Capela Nossa Senhora de Lourdes, no município de Ipê, Nordeste do Rio Grande do Sul. Sorridente e entusiasmado, começa a explicar para mim a trajetória da sua família com a Agricultura Ecológica. A família, desde os avós que moravam no mesmo local onde hoje ele vive, sempre plantou uva, trigo, milho e hortaliças para consumo da casa.

Apesar da tradição na agricultura e de serem proprietários de terras, a renda principal do seu pai era fabricação de tijolos. Sua mãe é professora, hoje aposentada. Em 2000, as leis para o funcionamento de uma olaria ficaram mais rígidas, uma série de licenças ambientais começou a ser exigida. Foi quando eles decidiram parar de produzir tijolos. Flávio Zanotto, pai do Gabriel, começou a pensar em alternativas de trabalho.

Em 2000, Flávio conheceu César Volpato¹, integrante da equipe técnica do Centro Ecológico. César apresentou à família proposta de plantar sem veneno e fazer feira através de um dos grupos já existentes.

— *Estávamos sem saber o que fazer, pois a olaria já não era mais uma opção. Foi quando decidimos entrar na Agricultura Ecológica e ingressamos na Associação dos Produtores Ecológicos da Sede de Ipê (Apepi).*

Posteriormente à conversa com Gabriel, procurei o César Volpato. Ele comentou que a família Zanotto não aderiu à onda dos venenos e sementes híbridas. Quando o trabalho começou, César recorda-se de haver encontrado na propriedade sementes locais e um manejo de solo já em bases ecológicas.

Viajo no tempo conversando com o César e fico recordando o surgimento de cada novo grupo de Agricultores Ecologistas no Ipê, durante a década de 1990, a partir do trabalho do então Centro de Agricultura Ecológica Ipê (CAE), em conjunto com parceiros, como o Escritório Municipal da Emater. A Aecia, a primeira, reunia algumas famílias de Ipê e do município vizinho, Antônio Prado. Ao longo dos anos, foram se formando outras associações de produtores ecológicos, na seguinte ordem cronológica: Apema, da comunidade Linha Pereira de Lima, Apevs (Vila Segredo), Apesaa (Capela Santão Antão Abade), Apesc (Capela Santa Catarina), Apej (Capela São José), Aesba (São João Batista) e a citada Apepi.

Volto meu pensamento ao Gabriel, que vai descrevendo a trajetória da família. Eu interrompo-o lembrando que está



¹ César Volpato é Técnico Agrícola e Geógrafo. Entrou para a equipe técnica do Centro Ecológico em 1994, onde está até hoje. Mora em Antônio Prado e tem uma pequena propriedade, na qual cultivava amaranto. Também integra uma associação de agricultores ecologistas, a Ecociente.

me contando fatos de quando tinha apenas cinco anos. Ele abre seu sorriso farto.

— *Tudo isso aí meu pai me contou, minha primeira lembrança mesmo é de quando fui na Feira em Porto Alegre. Era a primeira vez que eu andava de ônibus. Lembro que nem dormi, fiquei olhando para fora para ver os prédios.*

— E o que você lembra da feira?

— *Pouca coisa, mas recordo que ficava brincando, às vezes, me metia a ajudar. Lembro bem quando, um pouco mais velho, fazíamos a feira em Antônio Prado, eu ajudava a montar a banca e depois me escondia no carro para não ajudar a vender. Meu interesse era passear.*

Gabriel nunca pensou em seguir na agricultura. Seu sonho era ser arquiteto. Não sabe exatamente por quê, mas talvez a influência de um primo muito próximo, que afirmava que seria engenheiro. De novo abre seu sorriso:

— *E eu queria ter uma profissão parecida com a dele. Decidi ser arquiteto.*

Assim, com a certeza de que nunca seria agricultor, Gabriel não colaborava nas atividades da propriedade. Seguiu nos estudos e foi, junto à irmã, trabalhar um turno em uma fábrica de móveis, próximo à sua casa.

— *Nesse trabalho eu descobri que a lida na cidade tinha seus inconvenientes. Acho que as três coisas que eu menos gostei era ser mandado, cumprir horário rígido e fazer sempre a mesma coisa, achava isso muito monótono. Mas também é verdade que aprendi muito, principalmente a ter mais responsabilidade.*

Alguns anos depois, já no final do Ensino Médio, apareceu na vida do Gabriel um teste vocacional. Para sua surpresa deu que sua vocação era ser técnico agrícola. Segundo ele, esse resultado mexeu com sua cabeça. Enquanto pensava no que fazer, foi conhecer uma Escola Família Agrícola (EFA) em Garibaldi. Um vizinho estudava lá. Ele conta com olhos no passado:

— *Cheguei, lembro-me até hoje, no Centro de Garibaldi e achei pelo GPS do celular o endereço da escola. Os alunos estavam em uma visita, vi só uma professora. Conversei com ela e me inteirei sobre a metodologia da alternância. Voltei para casa, contei aos meus pais e eles me incentivaram. Eu não sabia se era isso o que eu queira. Decidi arriscar. Se gostar, beleza, se não, desisto. Mas aí fui gostando, fui ficando... me formei sábado passado!*

Dou-lhe os parabéns e posso sentir sua satisfação em estar onde está, em ter feito o que fez. Eu já tive oportunidade de visitar algumas EFAs. Não posso falar muito da área da Pedagogia, mas sempre impressiono-me com o trabalho que fazem. Este tema da “Educação do Campo” é uma eterna preocupação dos profissionais que pensam a escolarização nas zonas rurais. Entendo que a busca é por desenvolver uma grade curricular que dialogue com as realidades onde as escolas estão inseridas e uma metodologia que, ao mesmo tempo que estimule o desejo de aprender, vincule o jovem à sua terra e não o afaste de lá.

Segundo meus poucos conhecimentos, a metodologia das EFAs chegou ao Brasil ainda nos anos 1960. Tem como eixo da sua proposta metodológica a Pedagogia da Alternância, com os estudantes passando um período determinado na escola, convivendo e aprendendo com outros alunos, e outro, junto às suas famílias, para aplicar os conhecimentos adquiridos ou construídos na escola. No período em casa, o aluno deve desempenhar tarefas propostas por seus professores, colocando em prática conceitos aprendidos e realizando pesquisas junto às famílias e comunidades, buscando melhor conhecer seu entorno e história.

Penso nisso enquanto ouço Gabriel:

— *Na escola, todos os meus planos de estudo eram relacionados ao espaço de onde vim. Assim, aprendi a conhecer o espaço onde eu vivia, fui me apaixonando pelo lugar e pela*

agricultura. Fiz um estudo de relevo, vegetação, história da região e da propriedade, assim como sua dinâmica e fluxo de caixa. Foi muito bom para entender melhor nossa realidade.

Ele segue:

— Foi durante a escola mesmo, não me motivava a trabalhar nas lavouras. Mas nos três anos de escola, a cada mês, eu me sentia mais ligado à nossa propriedade, que realmente comecei a levar a sério o trabalho, antes eu mais brincava do que trabalhava. Afinal, não ia ser agricultor.

Uma afirmativa como essa reforça a admiração que tenho pela proposta pedagógica e metodológica das EFAs.

Gosto de conversar com essa geração de jovens que nasceu em famílias que trabalham com Agricultura Ecológica. Para eles, o não uso de agrotóxico não é a novidade. Esse é o ambiente no qual eles cresceram. Eles não têm dúvida que é possível produzir sem veneno.

Para quem trabalha na agricultura é muito comum ouvirmos que “sem veneno não dá”. Esse é um trabalho bem feito pelas indústrias, que trata de convencer a sociedade da imprescindibilidade dos seus produtos com a perversa tese do “mal necessário”. Algo do tipo: “sim, de fato os agrotóxicos devem ser usados com cuidado para não causarem danos colaterais, mas não podemos prescindir deles”. Falácia!

O trabalho da ONG Centro Ecológico, na qual estou desde 1988, sempre foi na direção de mostrar que o agrotóxico, mais do que inconveniente, é desnecessário. Assim, se perguntamos ao Gabriel e outros, nascidos e criados nesse ambiente de uma propriedade ecológica, se é possível produzir tomate sem veneno, é provável que ele responda que esta é a única maneira que conhece. Talvez tenha dúvida se é possível produzir tomates usando pesticidas.

Aproveito e pergunto quando ele conheceu os venenos, quando soube que existia uma maneira de fazer agricultura diferente da que ele via em sua casa:

— *Descobri os venenos no Ensino Médio. Os pais de muitos dos meus amigos plantavam milho e soja em áreas maiores. Tudo com trator, adubos químicos, venenos. Aí fui entendendo que produzíamos de modo diferente.*

— Gabriel, na escola o que você ia aprendendo tinha conexão com sua vivência em casa?

— *Tinha, sim. Inclusive, o primeiro curso que fiz na EFA foi dado pelo Centro Ecológico. Muito do que aprendi lá, já fazíamos aqui. Com os estudos, fui entendendo melhor a maneira que meu pai e minha tia trabalhavam. Eu os via fazendo, mas talvez não entendesse muito o porquê. Adubação verde é um exemplo. Eu via em casa, mas na escola aprendi de fato o que é e como funciona.*

De novo, mérito para as EFAs em geral e, a de Garibaldi, em particular. Tenho conversado com outros jovens com perfil semelhante, e alguns falam da dificuldade em estudar em colégios ou universidades que praticamente ignoram a Agricultura Ecológica, o que os desmotiva a seguir estudando.

Saímos da varanda da sua casa e vamos caminhar um pouco pela propriedade. Parte da cena que vejo não é incomum nas propriedades ecológicas da região. Um parreiral, não muito grande, manejado com solo coberto por vegetação espontânea. Uma horta diversificada (pepino, pimentão, vagem, cenoura, beterraba, brócolis, couve-flor, temperos, e muito mais). Como é quase regra entre famílias agricultoras que fazem feiras ecológicas, vejo estufas com tomate. Pergunto sobre a semente.

— *Tomate Coração de Boi, a semente é nossa. Também plantamos um outro que estamos chamando de Pitanga, as sementes vieram da Itália. Vamos tentar reproduzir essas sementes.*

Vejo, também, cebola quase a ponto de colher. Ao lado, uma bonita lavoura de milho.

— *São três hectares de milho plantados com uma semente crioula, nossa, que está na família há muitos anos – diz*

Flávio, pai do Gabriel.

— Boa para polenta, Flávio?

— *Claro!*

Na Serra Gaúcha, semente crioula de milho “só se cria” se for boa para polenta...

Caminhamos um pouco pela erva-mate. Ele conta que quando decidiu ingressar no trabalho com Agricultura Ecológica e conheceu César Volpato, ele o incentivou a trabalhar com manejo agroflorestal. Assim, através de um projeto que o Centro Ecológico tinha com o Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), foram adquiridas mudas de erva-mate, que foram plantadas sob a capoeira (um estágio inicial da formação de uma floresta). Eles já tinham erva-mate, mas agora são dez hectares, todos sob uma vegetação que a esta altura já se desenvolveu e conta com dezenas de espécies arbóreas.

Flávio explica:

— *A erva-mate aqui na família vem de anos. Meu avô já tinha barbaquá², mas, ultimamente, vendíamos verde para as ervateiras. Cesar incentivou a voltarmos a processá-la. Combinei as informações que fui adquirindo com as do meu pai (avô do Gabriel) e me senti seguro para voltar a processar erva-mate. Hoje a vendemos embalada.*

O manejo agroflorestal envolve o cultivo simultâneo de plantas anuais, frutíferas e arbóreas. A erva-mate, tradicionalmente, era extraída das matas. Depois, passou a ser plantada sob essas mesmas matas e, atualmente, muitos cultivam “a pleno sol”, em um monocultivo. Resgatar o cultivo de erva-mate sob matas é um manejo que se adequa muito ao

² Palavra de origem tupi-guarani, usada para designar o processo mais tradicional de preparar a erva-mate para o consumo, sapecando as folhas no fogo e assim desidratando-as.



proposto pela Agricultura Ecológica.

Eles já são conhecidos como produtores de erva-mate. Na feira de Porto Alegre são procurados pela erva e pelo tomate, apesar de venderem muitos outros produtos.

Gabriel me conta que seu Projeto Profissional do Jovem (PPJ), uma espécie de trabalho para a conclusão do curso, teve como título “Manejo e produção de erva-mate em sistema agroflorestal”. Mais uma mostra do trabalho desenvolvido nas EFAs, conectando os jovens com seu contexto.

A erva-mate é vendida toda na feira e na Econativa (Cooperativa de Produtores Ecologistas) que reúne sócios da Serra Gaúcha e do Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

— E a feira, Gabriel, você gosta de ir?

— *Gosto sim, eu e meu pai revezamos, uma semana um, uma semana outro.*

— E tua renda?

— *Combinamos aqui na família, tenho um salário.*

O pai comenta que não há como o jovem permanecer trabalhando em uma propriedade agrícola se não tiver uma certa independência financeira.

No final da caminhada, sob um sol forte, nos sentamos na fresca e agradável varanda, ao lado do nono e da nona. A mãe estava na cidade, não participou da conversa.

Ana, tia do Gabriel, a grande incentivadora da entrada da família na Apesi, põe-se a lembrar de quando eles começaram a desenvolver esse trabalho, recordando dos cursos e reuniões que participou. Vamos deixando o papo fluir e Ana fala da preocupação da família em produzir o que consome. Até sabão eles preferem fazer em casa.

— *Este sabão comprado contamina muito a natureza. E nós gostamos de fazer tudo o que pudermos em casa. Comida, mesmo, compramos muito pouco.*

Lembro-me que vi uma pequena lavoura de arroz de sequeiro, incomum na região nestas épocas.

— *Só para consumo* – diz o Flávio. – *Semente que está conosco desde sempre.*

Volto minha atenção à varanda. O nono reclama do tempo, que está muito irregular.

— *Estamos precisando de chuva!*

Elogio o jardim da nona, todo florido. Ela sorri. Logo conta como cuida do jardim. Segue falando das suas habilidades e que ainda que faz chapéu de palha, cestas, vassouras.

— *Esses dias ensinei o Gabriel a fazer vassoura. Não sei se ele aprendeu...*

O neto sorri.

Terminando a prosa, volto a conversar com o Gabriel. Pergunto sobre um tema no qual costumo refletir: a discriminação que um jovem pode sofrer por ser agricultor. Indago-o se já sentiu isso.

— *Sempre conversávamos sobre esse assunto na escola. Chegamos à conclusão que nós só sofreremos o preconceito de ser da roça se não aceitamos nossa condição. Quando aceitamos e temos orgulho disso, o preconceito não pega mais. Essa é a minha perspectiva. O golpe sempre vem. Antes eu sentia, hoje eu me esquivo* – diz ele, outra vez sorrindo.

— E os planos para os próximos anos, Gabriel?

— *Bom, acabo de passar no vestibular para cursar Agronomia na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Vou estudar e seguir trabalhando aqui, dentro das possibilidades, não quero deixar este trabalho. Queremos aumentar a produção de hortaliças, registrar a ervateira e fazer mais uma ou duas estufas.*

É, Gabriel segue arquitetando planos. Não tenho dúvida de que serão bem sucedidos, achou o caminho com inteligência e sensibilidade, seguir nele é quase uma consequência natural.